

Mulheres mantêm tarefas em casa e perdem lugar no mercado de trabalho, por Alessandro Janoni

Tendência de aprofundamento de desigualdades segue marcante no segundo ano de pandemia

[\(Folha de São Paulo | 29/07/2021 | Por Alessandro Janoni\)](#)

Uma primeira leitura dos resultados da pesquisa atual do Datafolha sobre os hábitos dos paulistanos na pandemia traz a ideia de que poucas mudanças são observadas em relação aos dados do ano passado.

As atividades ainda se concentram em maior grau dentro dos domicílios. A frequência das tarefas domésticas se mantém, em uma rotina que encontra alento em hábitos culturais e religiosos.

A tendência de aprofundamento de desigualdades que a pandemia provocou já no primeiro ano de isolamento continua marcante.

As mulheres, por exemplo, de [maneira mais expressiva mantêm a lida no lar](#) após perderem participação no mercado formal de trabalho.

A taxa de queda de assalariadas registradas no segmento feminino é o dobro da verificada no masculino (13 contra 6 pontos percentuais). Cozinhar e cuidar da casa fazem parte da realidade da maioria, mas são atividades mais frequentes para elas do que para eles, com diferença média de dez pontos percentuais.

No entanto, apesar do recrudescimento da pandemia no primeiro semestre do ano, o início da vacinação, mesmo que em ritmo lento, combinado à flexibilização do isolamento e reabertura do comércio, já produz retomada da dinâmica econômica.

Alessandro Janoni

Diretor de Pesquisas do Datafolha

[Acesse a matéria completa no site de origem](#)

Em novo episódio, podcast da Agência Patrícia Galvão debate violência, discriminações e desigualdades de gênero no trabalho

Procuradora do trabalho Adriane Reis de Araújo é a convidada do primeiro episódio da série sobre a violência e o assédio contra mulheres no trabalho

Para 71% da população brasileira, as mulheres têm menos oportunidades que os homens no mercado de trabalho e também costumam ter salários menores que os homens, mesmo ocupando os mesmos cargos. É o que revela a pesquisa *Percepções sobre violência e assédio contra as mulheres no trabalho*, realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e Instituto Locomotiva com apoio da Laudes Foundation. Segundo o levantamento online, as trabalhadoras brasileiras também são as principais vítimas de violência, assédio e constrangimento no ambiente de trabalho.

Para comentar os dados da pesquisa, o novo episódio do podcast da Agência Patrícia Galvão recebeu a procuradora do trabalho Adriane Reis de Araújo, atual titular da Coordenadoria Nacional de Promoção da Igualdade e Eliminação da Discriminação no Trabalho (Coordigualdade), do Ministério

Público do Trabalho. Confira alguns trechos da conversa:

Sobre os desafios no enfrentamento à violência e ao assédio

A maior dificuldade que nós temos no enfrentamento da violência e do assédio em relação às mulheres é justamente romper com o silêncio dessas mulheres. Por isso que iniciativas como o #MeToo, em que se relatam essas violências, são tão importantes, porque a vítima, ao se deparar com esses relatos, percebe que ela não está sozinha, que aquele fato não é um fato isolado que ela vivenciou.

A sociedade brasileira é uma sociedade extremamente violenta contra as mulheres. (...) Essa sociedade violenta, para fora dos muros da empresa, continua dentro da própria empresa — a empresa está inserida dentro dessa sociedade. Então, o mais importante seria uma modificação da compreensão dentro das cortes trabalhistas brasileiras, de perceber que incumbe ao empregador demonstrar que ele adotou todas as medidas para evitar aquela violência e o assédio, que ele sancionou o agressor, que ele deu voz à vítima e evitou qualquer tipo de represália a essa vítima. Com essas medidas efetivas de repressão à violência e o assédio, certamente a mulher brasileira se sentiria mais tranquila em fazer essa denúncia.

Sobre remuneração menor e informalidade

As mulheres têm menos oportunidades no mercado de trabalho, seja menos oportunidade em setores [como o de tecnologia, por exemplo], seja maior dificuldade de promoção na carreira, que é o que nós chamamos de teto de vidro ou de labirinto de vidro. Tudo isso resulta em uma remuneração menor. Também, quando há uma dificuldade maior de compatibilidade da

vida profissional e da vida pessoal, muitas mulheres são empurradas ao mercado de trabalho informal, que é mais precário e tem uma pior remuneração.

Sobre os impactos do racismo estrutural

Não é à toa que nós temos hoje um número bastante expressivo de trabalhadoras domésticas que são mulheres negras — cerca de 68%. E eu trago aqui o trabalho doméstico, porque dentro da nossa sociedade é o que tem 70% de informalidade. É um trabalho precário, muito mal remunerado e desvalorizado dentro da nossa sociedade.

Sobre a sobrecarga do trabalho doméstico e de cuidados

As mulheres não podem se vestir desse título de super mulher. O resultado disso é um desgaste mental acentuado às mulheres, é uma situação de stress acentuado e isso gera um impacto dentro das carreiras profissionais, seja com a interrupção dessa carreira, seja com a redução da produtividade dessa trabalhadora.

E esses fatores, que são domésticos, precisam ser levados em conta pelos empregadores como um mecanismo de redução da discriminação da mulher no ambiente de trabalho e essa é uma situação tão corrente, tão frequente, que há inclusive a Convenção 156 da OIT, que prevê os direitos dos trabalhadores com responsabilidades familiares, exigindo uma conciliação, um cuidado maior dos empregadores para a conciliação da

vida doméstica e da vida profissional.

Saiba mais sobre a pesquisa

A pesquisa *Percepções sobre violência e assédio contra as mulheres no trabalho* foi realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e Instituto Locomotiva, com apoio da Laudes Foundation, em outubro de 2020. O levantamento online contou com a participação de 1.500 pessoas, entre homens e mulheres maiores de 18 anos de todo o Brasil. Para saber mais, [acesse aqui](#).

Veja também:

O [vídeo](#) e o [webinário Violência e assédio contra mulheres no trabalho](#) da Agência Patrícia Galvão.

Dossiê aborda “trabalho invisível” de mulheres e meninas ao redor do mundo

(Brasil de Fato | 15/03/2021 | Por Pedro Neves Dias)

O trabalho doméstico e de cuidado recai, na maioria das vezes, sob mulheres e meninas ao redor do mundo. Esse tipo de atividade é conhecida também como “trabalho invisível”, pois não é remunerado, mas espera-se que as mulheres cumpram o papel de fazê-lo.

Essa situação se torna ainda mais desigual em momento de pandemia, onde as pessoas estão mais presas ao ambiente doméstico, aumentando a sobrecarga de trabalho feminina.

Essa é uma das conclusões do estudo “CoronaChoque e Patriarcado”, produzido pelo [Instituto Tricontinental de Pesquisa Social](#) em novembro do ano passado e relançado em função do mês de luta das mulheres. O relançamento do estudo foi acompanhado da campanha “[Não é amor, é trabalho invisível](#)”.

O estudo cita um relatório da [Oxfam](#), feito durante a pandemia, apontando que as mulheres são responsáveis por 75% do [trabalho de cuidado não remunerado](#) realizado no mundo, somando, diariamente, mais de 12 bilhões de horas gastas por mulheres e meninas em todo o mundo.

[**Acesse a matéria completa no site de origem.**](#)

Situação das mulheres na pandemia é resultado de escolhas políticas e déficit de democracia, por Márcia Lima e Ian Prates

(Folha de São Paulo | 12/03/2021 | Por Márcia Lima e Ian Prates)

O aumento da vulnerabilidade econômica, da violência e da sobrecarga de [trabalho doméstico das mulheres](#) em meio à pandemia é o resultado de escolhas políticas e déficit de democracia. Isso se evidencia nas medidas tomadas pelo governo federal desde março de 2020.

Não é preciso uma comparação com países considerados modelos no que concerne à igualdade de gênero, como Dinamarca, Finlândia, Noruega, Suécia, Holanda e Canadá.

Basta constatar que fizemos menos que vários de nossos vizinhos latino-americanos e, em algumas áreas, menos do que Burquina Faso, Etiópia, Nigéria, Burundi.

Os dados são do Covid-19 Global Gender Responde Tracker, da ONU Mulheres, que classificou as medidas tomadas pelos governos mundo afora em três categorias: amenizar os efeitos da insegurança econômica; dar suporte ao trabalho doméstico não remunerado; e [violência contra as mulheres](#).

Márcia Lima

Professora do Departamento de Sociologia da USP e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), onde coordena o Afro - Núcleo de Pesquisa sobre Raça, Gênero e Justiça Racial

Ian Prates

Consultor da OIT (Organização Internacional do Trabalho), pesquisador do Cebap e da Social Accountability International

[***Accesse a matéria completa no site de origem.***](#)

No Dia da Mulher, Coren-SP divulga sondagem e debate situações de vulnerabilidade

[***\(Coren-SP | 08/03/2021\)***](#)

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o Coren-SP realizou o webinar “Ser Mulher na Enfermagem”, transmitido ao vivo nesta segunda-feira (8/3) no canal do YouTube. Mediada pela conselheira Ana Paula Guarnieri, a atividade marcou o lançamento dos resultados da [sondagem “Ser Mulher na Enfermagem”](#), que reflete a realidade atual das mulheres na enfermagem sob diversos aspectos como jornadas de trabalho, salários e

situações de vulnerabilidade.

“A maioria dos profissionais de enfermagem são mulheres que enfrentam os desafios do século XXI, além dos desafios próprios da nossa profissão”, destacou a vice-presidente do Coren-SP, Erica Chagas, na abertura. “São questões como jornada dupla com trabalhos domésticos, desafios com os filhos e questões que trazem sobrecarga a essas mulheres”, destacou Erica, que frisou a importância da sondagem como elemento para a orientação de ações futuras do conselho: “Os números que veremos hoje trazem a possibilidade de buscarmos parcerias e trabalharmos programas de acolhimento e orientação”, concluiu.

[**Acesse a matéria completa no site de origem.**](#)

Confira abaixo a íntegra do evento “Ser Mulher na Enfermagem”

Projeto permite que Lei Maria da Penha proteja empregadas domésticas

[\(Agência Câmara | 01/03/2021 | Acesse no site de origem\)](#)

O Projeto de Lei 586/21 inclui quaisquer relações hierárquicas nas hipóteses de aplicação da Lei Maria da Penha, criada para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Hoje a Lei Maria da Penha define violência contra a mulher como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial, no âmbito da

unidade doméstica, no âmbito da família ou em qualquer relação íntima de afeto.

O texto em análise na Câmara dos Deputados acrescenta as relações hierárquicas a essa definição.

Autora da proposta, a deputada Lauriete (PSC-ES) observa que, no caso de violência contra empregadas domésticas, por exemplo, há uma questão hierárquica que não exclui o convívio doméstico.

“O projeto visa dar maior proteção às mulheres, ampliando as situações em que a Lei Maria da Penha se aplica, de modo a alcançar todas as mulheres que sejam vítimas de violência no contexto doméstico e familiar”, afirma.

Apesar de homens morrerem mais pela Covid-19, brasileiras são as mais impactadas no dia a dia da pandemia

Pesquisas mostram que o coronavírus expôs, como nunca, a falácia da igualdade de gêneros e vem colocando uma geração no limite

[\(Celina/O Globo | 28/02/2021 | Por Aline Ribeiro\)](#)

Embora os homens morram mais de Covid-19, são as mulheres as mais impactadas pela pandemia no dia a dia. Não se trata só da sobrecarga nas tarefas domésticas, das aulas online, do acúmulo de trabalho ou, na outra ponta, do desemprego. Essa é também uma crise da saúde mental, segundo pesquisa da agência humanitária Care International. O coronavírus expôs, como nunca, a falácia da igualdade de gêneros e vem colocando uma geração

no limite.

As mulheres, em especial as mães, passaram o último ano se equilibrando entre tarefas. Como o espaço de trabalho invadiu a casa, o tempo gasto com atividades profissionais se misturou à dedicação aos filhos, à organização do lar, à limpeza e aos cuidados com os outros.

[***Acesse a matéria completa no site de origem.***](#)

Empregadas domésticas estão entre as que não conseguem se isolar e sofrem maiores impactos do fim do auxílio

[\(UOL | 11/02/2021 | Por Maria Martha Bruno, da Gênero e Número\)](#)

A categoria das trabalhadoras domésticas é particularmente vulnerável na crise do coronavírus. As profissionais têm sido expostas sistematicamente a riscos de contaminação sem poderem se isolar. Com o fim do auxílio emergencial, a situação piora e deixa desamparada a categoria, estimada em mais de 6 milhões de trabalhadores.

Denúncias enviadas ao Ministério Público do Trabalho no Brasil ilustram abusos e violações cometidas contra as trabalhadoras. A plataforma de jornalismo de dados Gênero e Número teve acesso a essas denúncias, por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI), para o projeto “Cenários e possibilidades da pandemia desigual em gênero e raça no Brasil”, em parceria com o Instituto Ibirapitanga.

[**Acesse a matéria completa no site de origem.**](#)

Pandemia deixa mais da metade das mulheres fora do mercado de trabalho

Crise dos serviços, setor empregador da população feminina, e cuidado com filhos atrasam recuperação

[\(Folha de S.Paulo | 01/02/2021 | Por Fernanda Brigatti\)](#)

O efeito devastador da Covid-19 sobre o emprego -em especial sobre o setor informal- está atrasando a volta de mulheres ao mercado de trabalho. Segundo a Pnad Contínua, do IBGE, 8,5 milhões de mulheres tinham deixado a força de trabalho no terceiro trimestre de 2020 (último dado disponível), na comparação com o mesmo período do ano anterior.

Esse movimento rumo à inatividade -situação em que a pessoa não trabalha nem procura uma ocupação- fez com que mais da metade da população feminina com 14 anos ou mais ficasse de fora do mercado de trabalho. A taxa de participação na força de trabalho ficou em 45,8%, uma queda de 14% em relação a 2019.

[**Acesse a matéria completa no site de origem.**](#)

Dividir as tarefas domésticas é dizer não à violência contra a mulher

[\(Folha de Pernambuco | 03/12/20 | Por Karine Freitas* em colaboração a Mulheres em Movimento\)](#)

A divisão sexual do trabalho revela uma desigualdade violenta para o cotidiano das mulheres. E nestes 16 dias de ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher é preciso lembrar que as violências começam muitas vezes na divisão injusta do trabalho doméstico.

Como aponta a Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio (PNAD), as mulheres realizam uma jornada de trabalho doméstico semanal de 10h24m a mais em comparação a dos homens. Isso representa quase o dobro da jornada masculina. A pesquisa ainda revela que 92% da população feminina de 14 anos ou mais realiza trabalho doméstico. Para os homens esse número cai para 78,5%. Também são as mulheres à frente das principais atividades relacionadas aos cuidados como cozinhar (93,5%), lavar louça (93,5) e cuidar das roupas (91,2%).

[***Acesse a matéria completa no site de origem.***](#)